

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM SAÚDE



DANIELA PEREIRA DOS SANTOS

CAMINHANDO ENTRE ARTE E SAÚDE MENTAL NA CRIAÇÃO DE UM PROCESSO
DE CUIDADO

PORTO ALEGRE

2016

DANIELA PEREIRA DOS SANTOS

**CAMINHANDO ENTRE ARTE E SAÚDE MENTAL NA CRIAÇÃO DE UM PROCESSO
DE CUIDADO**

Trabalho de Conclusão de
Residência Multiprofissional e
Integrada em Saúde Mental
Coletiva do Núcleo de Educação,
Avaliação e Produção Pedagógica
em Saúde (EducaSaúde) da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: *Márcio Mariath
Belloc*

PORTO ALEGRE

2016

Com carinho, aos encontros apaixonantes, e aos
sonhos compartilhados que me foi permitido
durante esse caminhar.

Eu agradeço ao povo Brasileiro, Norte, Centro,
Sul inteiro, onde reinou o baião.

Era uma vez, no mundo de ontem amanhã...

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, versa sobre a criação de um conto, "Isso é só o começo", a partir de experiências compartilhadas durante o caminhar da residência, situando o processo de construção de um cuidado subjetivo e singular em aberto. Para tal, tomo como referência a proposição "Caminhando" de Lygia Clark, para nos auxiliar a conduzir os caminhos de um cuidado enquanto proposição que necessita do espectador participador para existir. Embasada nos pensamentos de Hélio Oiticica e Lygia Clark, do artista não mais criador de objetos, mas propositor de práticas em aberto, me apoio na ideia de contribuir com a especificidade do campo das artes nesse processo. Desta forma, e no sentido de fazer valer essa exigência subjetiva, a ideia é presentificar uma forma artística possível de participar dessa produção coletiva no campo da saúde mental.

Palavras-chave: arte; saúde mental coletiva; cuidado; criação.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de la Residencia Integrada Multiprofesional en Salud Mental Colectiva, versa sobre la creación de un cuento, "Esto es sólo el comienzo", a partir de experiencias compartidas durante el caminar de la residencia, situando el proceso de construcción de un cuidado subjetivo y singular en abierto. Para tal, tomo como referencia la proposición "Caminando" de Lygia Clark, para nos auxiliar a conducir los caminos de un cuidado como proposición que necesita del espectador participador para existir. Basada en los pensamientos de Hélio Oiticica y Lygia Clark, del artista no más creador de objetos, sino propositor de prácticas en abierto, me apoyo en la idea de contribuir con la especificidad del campo de las artes en ese proceso. Así, y en el sentido de hacer valer esta exigencia subjetiva, la idea es presentificar una forma artística posible de participar de la producción colectiva en el campo de la salud mental.

Palabras clave: arte; salud mental colectiva; cuidado; creación.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	09
ARTE DE CAMINHAR NA CRIAÇÃO DE UM PROCESSO DE CUIDADO.....	11
DA EXPERIENCIA A CRIAÇÃO DO CONTO.....	20
O CONTO: ISSO É SÓ O COMEÇO	22
O PRIMEIRO ENCONTRO.....	22
QUEM SOU.....	23
A VISITA.....	25
UMA TARDE.....	28
UMA PIZZA.....	30
PLANTANDO A SEMENTE.....	32
UMA SEXTA-FEIRAS.....	35
NO CEMITÉRIO.....	37
ANGUSTIA.....	39
UM BOM FIM.....	40
O RECOMEÇO.....	41
EPÍLOGO.....	43
REFERENCIAS.....	47

PREFÁCIO

Uma nova cidade, um novo início, diferentes encontros, tudo muito confuso bem como um sonho, mas sei que era vivo. Não sei se sonhava o meu sonho ou se o sonho que sonhava era meu, fruto do nosso primeiro encontro. Um sonho dentro de um sonho eu ainda não sei se acordei. E em um ciclo de sonhos surge em formato de um conto o meu trabalho de conclusão da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva.

O conto "Isso é só o começo" não surge somente do sonho de fazer um conto, surge pelo desejo do sonho compartilhado durante um caminhar. Um conto que traz em seu corpo a ficção de uma realidade partilhada. Um sono gerador de um sonho criativo. O que acontece durante o sono da madrugada? Morre-se muito na madrugada, cria-se muito na madrugada. Criar é a ideia deste trabalho, criar a partir da subjetividade de construir junto à singularidade de um cuidado em aberto.

Acordei antes do sol nascer, lavei o rosto com água fria enquanto passava o café. O silêncio me fez pensar no que havia sonhado naquela madrugada, acho que morri naquela madrugada. Sonhei que encontrava com Nietzsche, Fernando Pessoa, Van Gogh, Cecília Meireles. Pessoas cujos livros e obras são alimento para a minha alma, seria o encontro com a loucura? Nietzsche enlouqueceu. Fernando Pessoa era dado à bebida. Van Gogh se matou. Cecília Meireles sofria, dizem, de uma suave depressão crônica. Será que foi loucura mesmo? Será que é isso a loucura? Questionamentos, medos, dúvidas, ideias. E então sonhei, que éramos todos artistas, propositores e participantes ativos de nossas vidas. Por que então não planejar, investir e permitir-se ser um sonhador na prática? Decidi então compartilhar o plano de sonhar coletiva e criativamente. Somos os únicos representantes dos nossos

sonhos na terra. Vamos aproveitar que somos milionários do sonho. Um sonho que se sonha só é só um sonho, o sonho que se sonha junto é a construção de um futuro.

A ARTE DE CAMINHAR NA CRIAÇÃO DE UM PROCESSO DE CUIDADO

Adentrar o campo da saúde mental coletiva é uma experiência árdua exigente. Um trabalho que se constrói a cada gesto de cuidado, a cada encontro e desencontro, e que exige que cada ator, gestor, trabalhador e usuário, se faça presente com toda sua singularidade. Tal é essa exigência, que se trata de buscar compor, justamente na afirmação da subjetividade, uma produção coletiva e plural. Desta forma, e no sentido de fazer valer essa exigência subjetiva, a ideia aqui é fazer comparecer uma forma artística possível de participar dessa produção coletiva no campo da saúde mental.

Participar é a chave. Buscar a medida da participação cúmplice na criação de uma ação de cuidado. Contribuir com a especificidade do campo das artes nesse processo. E se a produção é o cuidado, que se dá no encontro entre profissionais e usuários, é preciso pensar, a partir das artes, no cuidado como obra. E se pensamos a obra a partir de Hélio Oiticica e Lygia Clark, a participação ganha um lugar de grande relevância:

O termo participador foi criado pelo artista plástico Hélio Oiticica para transformar o espectador em parte da obra que, por sua vez, não existe sem a sua participação. De acordo com Guy Brett, "suas estruturas precárias [de Hélio Oiticica e Lygia Clark], seus objetos feitos de materiais improvisados e sem valor foram meios de trazer a "vivência" ou o "conhecimento incorporado" para o centro da atenção. [...] Eles viam suas obras como "proposições de comportamento" [Hélio] ou "ensaios para vida" [Lygia]. (BRETT. 2005, P. 193)

Embasada no pensamento de Hélio e Lygia, me apoio na ideia de que uma obra de arte só é obra quando envolve, além da visão de mundo que permeia o artista, a intervenção do participador a partir da interpretação e envolvimento do mesmo

no processo. É preciso ressaltar que, a partir deste ponto de vista, a participação do observador, mais que relevante, é imprescindível para existir a obra, para existir a arte. O artista não é uma entidade solitária, mas um indivíduo que vive um determinado tempo, um determinado espaço, o conhecimento do contexto social, econômico, político e artístico que o cercou e/ou o cerca. Hélio e Lygia, desta forma, trazem a ideia do artista não mais como criador de objetos, mas propositores de práticas em aberto. Isso envolve também pensar o contato não contemplativo, mas sim do espectador transformado em participador, proposições invés de peças, descobertas apenas sugeridas. Tratam-se, assim, de práticas artísticas não sacralizadas, pois não são pensadas de antemão como peças a serem expostas nos museus, como relíquias religiosas que somente à distância podem ser adoradas. A arte assim se constitui em proposições simples e gerais não ainda completadas, situações a serem vividas, uma linha tênue traçada entre vida e arte.

Trazendo para minhas experiências dentro da Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tentei envolver a ideia de participador como forma de articular o cuidado no campo das artes. Pensar a produção de cuidado como obra, na qual as posições de artista e de participador circulam na condução do processo. Sendo assim, fundamentado a partir desta visão artística, será sempre a proposição de um cuidado em aberto. Muitas vezes o trabalhador é artista, outras ele pode ser participador da obra do usuário, que, por sua vez, é participador da obra do trabalhador. No texto, *O Ato Criador*, Marcel Duchamp traz o conceito de coeficiente artístico - uma expressão pessoal da arte à *l'état brut*, ainda num estado bruto que precisa ser "refinado" pelo público, como o açúcar puro extraído do melado - falando também da participação do público na criação.

O ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. Isto torna-se ainda mais obvio quando a posteridade dá o seu veredicto final e, as vezes, reabilita artistas esquecidos. (DUCHAMP, 1965)

Partindo desses dois conceitos de participador e coeficiente artístico, como parte importante da produção de experiência de um cuidado em aberto como proposição artística, apresento a elaboração de um conto. Conto este que é a proposição que se constrói como fruto desta dialética entre produtor e participador, partindo dos meus encontros com os usuários e com os colegas de trabalho (residentes e/ou trabalhadores dos serviços). Dialética que se desdobra também em quem lê o conto e que, como obra, se completa sendo recriada. Durante meu processo, diversos encontros, momentos, angústias, reflexões me levaram a tal escolha. Utilizando dos encontros e das histórias que me foram compartilhadas para a criação dos personagens e da narrativa contada, pessoas que conheci e que de alguma forma me ensinaram algo.

Formada em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas-RS, embarquei em um processo de criação com mais dezenove novos participantes e propositores. Juntos iniciamos a Residência, ansiosos e talvez sem a dimensão do quão intenso seria esse processo. Posso dizer que logo de início meu conceito do que vem a ser saúde mental foi modificado e ampliado, aprendendo que ela vai além de apenas problemas psíquicos, mas que envolve também a forma como uma pessoa reage às exigências da vida e o modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções. Assim como os diversos fatores externos do meio que fortemente influenciam nessas reações.

As intervenções em saúde mental devem promover novas possibilidades de modificar e qualificar as condições e modos de vida, orientando-se pela produção de vida e de saúde e não se restringindo à cura de doenças. Isso significa acreditar que a vida pode ter várias formas de ser percebida, experimentada e vivida. Para tanto, é necessário olhar o sujeito em suas múltiplas dimensões, com seus desejos, anseios, valores e escolhas. Na Atenção Básica, o desenvolvimento de intervenções em saúde mental é construído no cotidiano dos encontros entre profissionais e usuários, em que ambos criam novas ferramentas e estratégias para compartilhar e construir juntos o cuidado em saúde. (Ministério de Saúde, 2013, p.23)

Construir no cotidiano, criando novas ferramentas e estratégias de cuidado. Buscar dar novos sentidos e significados nas mais simples atividades do dia-a-dia. Um trabalho em saúde mental que pretende falar de vida, amizade, amor, política, história, direitos e deveres, saúde, arte, educação, liberdade, coletivo, sonhos, indivíduo, sociedade.

Para tal, tomo como referência a proposição "Caminhando" de Lygia Clark. Esse jeito tão especial de caminhar dessa artista, junto com a noção de participador e de coeficiente artístico, nos auxiliará a conduzir os caminhos de cuidado como obra. Lygia utiliza a fita de *moebius*, figura da topologia matemática, como o objeto unilateral dentro/fora, fazendo jogo com o sujeito na própria constituição deste. O que se destaca na fita como obra na proposição da artista não é o seu formato, não é a torção plástica que a constitui sem dentro e sem fora, mas sim o ato de busca de um horizonte com infinitas possibilidades caminhante que ela propõe. Como demonstrarei adiante, o que importa aqui é a ação de horizonte infinito caminhante pela superfície do papel.

Quero destacar, assim, que fazer de Caminhando uma obra é desmaterializar o objeto em favor do ato, é fazer de uma simples fita de papel um trajeto desconhecido, radicalizando a proposta de participação do outro na obra. Sem o participante

o caminho não existe. Neste sentido Lygia abandonará os termos "obra" e "objeto" de arte em prol do termo proposição, que acentua o seu caráter de apelo ao sujeito.

Neste sentido, o Conto que aqui será apresentado também é um Caminhando. Pensado enquanto proposição artística, parte-se do princípio de que é produzido no encontro entre distintos propositores e participantes, sejam eles meus colegas de residência, os profissionais dos serviços, esta artista que agora escreve o TCR e, principalmente, os usuários. E se o cuidado se dá no encontro, o conto como proposição artística do cuidado, constituída como Caminhando desmaterializa o próprio objeto-encontro como peça a ser contemplada. Sendo assim, não poderá ser aqui a reconstituição dos fatos ocorridos. Enquanto caminhando, o conto desmaterializa os próprios indivíduos que se encontraram, e vem colocá-los em crise, subvertê-los dentro, pertencente e criador do ato. A construção conjunta do artista com o participador para se recriar a história, onde um não existe sem o outro. Diferente da produção da exclusão e do estigma, que segundo Belloc (2011), anula a história do sujeito em prol de uma história clínica com passado, presente e futuro determinados, que coloniza sua experiência a ponto de torná-la completamente invalidada, a desmaterialização artística do encontro é para garantir a presença dos sujeitos, participador e propositor, com toda sua presença histórica, para justamente construir uma outra história possível. O Conto-Caminhando, neste sentido, desmaterializa indivíduos, preconceitos e diagnósticos prévios, na produção de sujeitos produtores e participadores.

Desconstruir para reconstruir, um método utilizado em diversos movimentos artísticos no processo de criação. É preciso o encontro, a história, a participação, a troca para que assim como em Caminhando, o próprio sujeito desperte de sua alienação especular, ou seja, desperte dos valores e

instituições dadas que buscam apenas, compreender através da razão, teorizando comportamentos desviantes e fazendo perder assim a consciência de seus verdadeiros desejos.

A fala de Lygia é clara a respeito: "Instável no espaço, parece que estou me desagregando. Meu corpo me abandona". (CLARK, 1999, p.121) completando em seguida:

Onde está o Bicho-eu? Eu me torno uma existência abstrata. Afogo-me em verdadeiras profundezas, sem pontos de referência com meu trabalho – que me olha de muito longe, do exterior de mim mesma. 'Fui eu quem fiz aquilo?' Perturbação. Delírio de fuga. Estou presa apenas por um fio. Meu corpo me deixou – 'caminhando'. Morta? Viva? Sou atingida pelos cheiros, pelas sensações táteis, pelo calor do Sol, os sonhos. (CLARK, 1999, p.164)

Assim como Lygia Clark, meu corpo foi caminhando, sendo atingido pela criação dos personagens que deram vida ao Conto. Um Conto que, enquanto obra, ou melhor, enquanto proposição, deixa a ficção caminhando, e se encontra novamente com a experiência. Sofrendo a intervenção dos diferentes momentos vividos. Em um jogo de cruzamento das histórias de vida que me foram compartilhadas, foi dado vida a quatro personagens, que trazem em suas características individuais, uma junção das diversas personalidades que pude conhecer durante a residência. Criando um plano de ação coletivo em busca de algumas respostas sobre a vida e a morte, na tentativa de compreender que a interrupção se faz necessária para um novo início. Como na proposição Caminhando, que com uma tesoura, na fita unilateral, traça um corte transversal que não encontra seu ponto de partida, mas prossegue em uma nova volta tornando a sua largura cada vez mais fina e seu diâmetro cada vez maior, prolongando, expandindo a torção da banda em direção a uma ruptura final – que virá necessariamente, já que a largura da fita não é infinita, mas que se retarda em uma promessa de não-corte, em um horizonte de passeio infinito da tesoura

sobre o papel. Podendo compará-la com a vida, que assim como a largura da fita tem um fim. Porém o horizonte de possibilidades que se segue é infinito.

Ao caminhar encontrei com diferentes tipos de sensibilidades nas pessoas acompanhadas, me deparando com dificuldades em muitos momentos devido à complexidade dessas histórias, e assim tentei ter o cuidado para não impor certas opiniões que não me cabiam decidir. Pude perceber com o tempo, que nem sempre se tem as respostas que se procuram, que essas somente o próprio sujeito pode encontrar, construir, criar, caminhar, coletivamente. Sendo assim, meu maior desafio foi questioná-los, a partir de escutas, a partir de olhares, a partir de estar junto, para a construção de uma reflexão crítica de si, como uma forma de criação, tanto como propositor como participador dos diferentes modos de ser e estar no mundo. Buscando fazer dessa forma de estar junto, um diálogo de criação coletiva em que é possível identificar e/ou construir o sentido nas ações cotidianas, e como uma fênix, que renasce das cinzas, buscar novos sonhos, construir novos planos e objetivos, acolhendo cada singularidade e respeitando que todos somos sujeitos de direitos e desejos, conforme cita Sandra Fagundes em sua entrevista para a Revista on-line do Instituto Humanista da Unissinos:

Todas as pessoas são sujeitos de direitos e de desejos. A liberdade é terapêutica. A loucura é própria do humano e a sociedade precisa acolhê-la em seu tecido, não depositá-la em alguns seres e isolá-los em instituições. Os serviços devem se adaptar às necessidades dos usuários, e não o contrário. O cuidado é produzido no encontro, na implicação, na afecção entre pessoas. (FAGUNDES, 2012)

Trazer nas ações a voz do outro como expressão do desejo, tornando-o propositor participador da sua vida, passa por deixá-lo livre sem julgá-lo por determinadas escolhas, é proporcionar o direito de sonhar, é acolhê-lo produzindo o

cuidado no encontro a partir da implicação e da afecção entre pessoas. Afecção aqui referida, não condiz com doença, enfermidade e moléstia, mas sim com a ação de afetar-se, contagiar, contaminar, trocar, sentir e fazer sentir. É tentar superar os limites entre obra e vida. É propositar-participar. Fazendo da vida uma obra de criação constante.

No livro "O direito de sonhar", Bachelard devaneia sobre o processo de criação de diversos pintores, mostrando não somente como se constrói um novo espírito de criação, mas também vem ensinar como a ele se chega. Vencendo-se obstáculos, rompendo-se as amarras que nos prendem à não-criatividade ou ao velho espírito arraigado a seculares rotinas mentais.

Ele detém aqui a usura das palavras, rompe as preguiçosas sinonímias da linguagem que pende em direção à abstração. Sabe que o esboço é uma realidade que vive, que poderia viver, que poderia sobreviver. Assim, o modelador reconhece o sentido profundo das metamorfoses. Para um modelador, o ser intermediário é um ser completo. É preciso conservá-lo? É necessário destruí-lo? É preciso que o hoje seja a implacável negação do ontem? Ah! quantos objetos perdidos que se quereria reencontrar! (BACHELARD, 1991, p.70)

Alguns propositores participadores talvez recuem e não se sintam a vontade ao longo do processo, acreditando ser tudo muita audácia, mas desde que se trata do tempo da metamorfose, do momento embrionário da obra de arte, o homem que desfruta do poder demiúrgico de "modelar" - aqui muito mais ligado ao sentido de criar, produzir, dar forma e contornos, afeiçoar, adaptar - vai até o final das forças nascidas na substância da terra. De acordo com Bachelard, ele vive a obra por completa e sai dessa história completamente tranquilizado. E assim compreendendo que modelar é ver, analisar, estudar, entender e sentir. Diferente do discurso hegemônico em saúde do modelo biomédico, tal como nos aponta Martínez-Hernández (2008), que

dita modelos de diagnósticos e tratamentos predefinidos, quase que invariavelmente traçados pela psicofarmacologia, como única experiência viável, trata-se aqui do sujeito modelando sua própria existência, modelando sua forma de levar a vida.

Bachelard propõe ao artista acreditar que foi lhe dado todo o conhecimento e liberdade necessária para olhar-se no espelho e conseguir decifrar seus verdadeiros desejos e sonhos. Esse dar-se de corpo e alma à sua obra, retomar a cada passo do processo meditando sobre sua arte, para que esse novo trabalho seja a expressão de sua alma profunda. A obra de arte passa a ser um exercício comportamental. De acordo com Ligia Clark, a arte supera a automatização quando pensa não somente em um sentido interno, mas nas possibilidades de cada sujeito e por meio desse exercício, torna possível a relação com o coletivo e com o mundo à sua volta.

DA EXPERIÊNCIA, A CRIAÇÃO E O CONTO.

O Conto traz uma coleção organizada desse trabalho do meu corpo nesse jogo, junto e no encontro com outros corpos. Tento trazer em alguns signos (imagens e palavras) a apresentação caminhando do vivido. Foco em alguns temas, que fazem parte do circuito do momento. Envolver algumas leituras, incluir alguns pensamentos, trago músicas e fragmentos e conto através destes um pouco do muito que senti e das paixões que vivi. E assim como uma proposição de Lygia, elimina-se o objeto de arte já dado ao espectador para decifrá-lo, tornando-o participante de situações e elegendo o corpo como lugar para fundir-se ao coletivo, subvertendo assim a própria arte, onde o corpo do espectador passa a ser o suporte de suas proposições. Neste sentido, também nos ensinam os Parangolés de Hélio Oiticica:

Com toda a experiência com o samba, com a descoberta dos morros, da arquitetura orgânica das favelas cariocas, Oiticica formula em 1964 as primeiras capas de Parangolé, passando da experiência visual propriamente dita da tradição plástica ocidental para a experiência do movimento, da fruição sensual dos materiais. Parangolé são capas, estandartes, bandeiras para serem vestidas ou carregadas pelo participante. Já não se trata mais do reinado do olho aristocrata que vê e julga os quadros pendurados na parede de um museu ou de uma galeria, o lance agora é o corpo inteiro que dança. Basta de suportes e de suportar tanta caretece. A descoberta de manifestações populares como as escolas de samba, frevos e feiras intensificou em Hélio Oiticica a ideia de uma arte coletiva total. (DIÁRIO, 2015)

Dar vida a esses corpos que muitas vezes não se percebem além da doença, não se enxergando como sujeito, recolocar o homem no mundo, para que seja membro da humanidade como um ser pleno de suas percepções e não como parte de uma engrenagem, buscando fazê-lo encontrar uma unidade de experiência e

conhecimento, é uma relação fenomenológica com o mundo. Basta de suportar o olhar aristocrático do discurso hegemônico biomédico, que pinta diagnósticos como quadros a serem vistos e julgados, pendurados nas pessoas transformadas em paredes brancas sem história. Contra isso, apresento o Conto.

ISSO É SÓ O COMEÇO

O Primeiro Encontro

E a aproximação foi incrivelmente casual, estava no ponto de ônibus com as imagens impressas, a caminho da galeria, ansioso para a montagem da exposição quando do outro lado da calçada passou um cego e ela logo me cutucou e disse:

- Sabe, de todas as deficiências, essa é a que acho mais triste, não poder ver a roupa que vai colocar, ou ver o que come.

Um comentário tão espontâneo, porem no meu contexto me assustei, mal sabia ela que as imagens que eu carregava ali para a montagem de uma exposição eram de um cego. E logo argumentei:

- Depende, acho que não ouvir a melodia de uma música, ou até mesmo um eu te amo, também deve ter seu peso.

- É mas não ter a percepção do dia e noite, claro e escuro deve ser doloroso. A visão é fundamental.

Fiquei em silêncio e pensando como explicar que existem diferentes tipos de cegueira, e que muitas vezes o cego não é apenas aquele que não tem a sensibilidade a luz através do globo ocular, mas sim aquele que deixa cegar-se pelo excesso, aquele é indiferente diante das desigualdades que nos cercam. Durante um ano estive trabalhando com a cegueira e percebi que a visão faz parte sim da construção do sujeito, da sua alfabetização, mas essas são possíveis de criar-se junto, imaginar junto.

- Você tem ou já teve uma vertigem?

- Vertigem? Medo de altura você diz? Já tive sim, mas por que dessa pergunta?

- Pois é, o cego não tem vertigem. Compreende?

- Não.

- O que é a vertigem para você?

- Acho que um frio na barriga, medo de altura.

- Ai que mora a questão, aquele que não enxerga, não tem noção da altura que se encontra, o que impede que este sinta medo. O medo de cair. Ele não ouve a voz do vazio embaixo de nós, que nos atrai e envolve. Talvez não enxergar tem vantagens que nós desconhecemos.

Para alguns olhar é um instrumento que, depois de usado, joga-se fora já outros acreditam que o olho é a janela da alma.

- Sim, janela da alma, isso me fez lembrar do mito de Édipo e o sacrifício que ele se submeteu pelo fato de não saber que dormia com a própria mãe, este quando compreendeu o que tinha acontecido não conseguiu sentir-se inocente. E não conseguindo suportar a visão da sua infelicidade provocada por sua ignorância, furou os olhos e cego para sempre partiu de Tebas. Sacrificou ali sua alma.

- Bem isso, que bom que compreendeu, olha só, gostaria de lhe fazer um convite, sexta terá uma exposição que estive envolvido o ano todo, na produção e construção e gostaria que você fosse. Vai ser às 19 horas na Galeria.

- Não prometo, mas farei o possível.

- Tudo bem, não se preocupe o encontro já aconteceu.

Quem sou?

E a vi de longe, um ar inseguro ao entrar na galeria, me aproximei e com um sorriso de surpresa e satisfação disse:

- Prazer, me chamo Saulo Salgueiro.

Havia me dado conta que não havíamos nos apresentado em nosso primeiro encontro.

- Prazer Ofélia.

Pronto, a partir desse momento nos tornamos íntimos, passamos a saber os nossos símbolos, nossas denominações, nossos signos de identificação. Certo que nesse contexto, vários outros fatores já haviam nos mostrado que o signo não era o mais importante. Mas vale lembrar do seu peso, afinal é esse signo que diz quem é o sujeito perante o agrupamento de seres que convivem em estado gregário e em colaboração mútua, podendo dizer que aquele que não tem um signo, é considerado por muitos, um ser inútil. Tamanha sua importância que muitas vezes é escolhido antes mesmo de seu nascimento, já identificando a criatura, às vezes é simples, outras composto. E bom... acho importante já deixar claro para quem embarca nessa leitura que ela tem como base os diversos signos, implícitos ou não, que nos permeiam diariamente.

- Salgueiro? Da árvore Salgueiro-Chorão?

- Isso, coisa da minha mãe. Saulo é o nome do meu avô, seu pai, que faleceu dias antes desse que vos fala nascer. Ela conta que o cemitério em que ele foi enterrado possuía muitos Salgueiros que sentiam e choravam com ela sua dor. Seus ramos novos, pendentes, parecem conotar tristeza e melancolia, por este motivo que é uma árvore muito frequente em cemitérios. "Nunca envelheço, eterno sou, abrigo aos sábios dou, quem sou?". Cresci ouvindo essa história, imaginado e recriando ela de diferentes maneiras durante minha vida, quando pequeno, por exemplo, lembro que toda vez que alguém falava Salgueiro logo me vinha a imagem: eu na forma de uma árvore triste, depois de um tempo passei a interpretar e me coloquei como aquele que nada de ruim aconteceria pois estava sendo cuidado pelos sábios a quem, segundo o dito popular, abrigava e protegia, depois veio a identidade visual, a moda era assumir o Black Power, deixei o cabelo crescer e a raiz do Salgueiro falou mais forte. Enfim, entre outros devaneios referentes ao meu signo de identificação.

- E o que você pensa nesse momento quando digo Salgueiro?

- Bom, já faz um tempo descobri que ele não é muito longevo. O tronco tem uma cortiça escura que vai rompendo com os anos, assim como as minhas tantas camadas que já criei, perdi e recriei. Tenho certeza que existem vários outros eus dentro de mim. Posso dizer que tanto tempo de vida me levou a criar e até mesmo matar alguns desses vários que hoje sou. Na verdade cada um tem infinitos eus dentro de si, a diferença é que aprendi a controlar o meu personagem. Tenho claro quantos eu já fui e sou, mudando a cada minuto, de acordo com a cena que se passa, essa que se passa, por exemplo tornei-me um contador de casos. Acho que amadureci meus devaneios, tenho sido mais profundo nas reflexões e ações. E bom, estou me aproveitando disso para um plano futuro. Sinto estar no momento de absorção da terra.

- Absorção da terra?

- Isso. É um longo processo.

- Acredito que seja, penso o quão maravilhosas são as árvores, além de toda sua beleza e importância para o eco, elas têm a capacidade de acolher a dor do outro sem muito esforço. Permeadas por diferentes histórias diariamente, elas simplesmente observam e

algumas vezes quando desejadas fazem parte da cena, sendo mais sensíveis que muitos humanos.

- E você Ofélia? Noiva de Hamlet seria? Aquela que enlouquece com a suposta loucura de seu pretendente? Particularmente acho maravilhosa a descrição da morte de Ofélia, é uma das passagens mais poéticas da literatura mundial. A personagem, tão desesperada se encontra que não se dá conta da própria desgraça, de modo que canta até seu último fôlego, refletindo assim o que diz Hamlet sobre o suicídio e o fato de imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, sendo solução para almejar-se.

- A morte cantante de Ofélia traduz o alívio de uma alma conturbada.

- É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhos poderá trazer o sono da morte. Mas gostaria de conversar mais com você sobre, porém, tenho que ir, mas olhe, fique com meu cartão, e sem pressa, tudo ao seu tempo, me ligue qualquer coisa.

A Visita

E logo ao entrar na sala surpreendeu-se com a serigrafia colada na porta: uma mão segurando uma arma, seu cano rodeado por pétalas e em sua boca um espelho. E ficou ali parada por alguns segundos. Refletindo sobre o reflexo.

- Gostou?

E com um olhar indiferente não respondeu, estava com ar de analisando o lugar. Continuou a seguir com os olhos e viu algumas plantas pela volta, algumas obras de arte na parede, uma estante de livros. No ar, um cheiro de incenso, e uma luz ambiente, daquelas que o torna quente e aconchegante e pensou: deve ser para esquentar um pouco esse inverno sulístico.

- Fica à vontade. Quer conhecer a casa? Algo para beber? whisky? café? chá? Um vinho talvez ou uma água? Quantas opções, pensou e disse:

- Café me agrada, obrigada. Veja preciso lhe dizer uma coisa, hoje o dia foi bem estranho, me senti em um sonho, cruzei mais de

uma vez com desconhecidos repetidos na rua. E acho que foi depois do nosso encontro, saberia me explicar?

- Talvez. Foi por isso que decidi passar aqui?

- Também, vim porque fiquei curiosa sobre você. As palavras que me falou naquele momento e sua história. Não acho que seja por acaso nosso encontro. Por isso vim, quero entender onde você entra na minha história. E o porquê algumas coisas mudaram depois que você apareceu.

- Hum, então despertei uma curiosidade em você, interessante. Gostei que telefonou dizendo que vinha. Temos muito que falar.

Assim foi sua primeira visita. Analisando tudo ao redor, desconfiada e curiosa.

- Mas me diga, em que parte da história você acredita que eu entro?

- Ainda não sei, talvez no momento em que me questiona sobre os sonhos que o sono da morte pode trazer, estou desacreditada e tão cansada de tudo que acredite, penso em tirar minha vida, só não fiz ainda pois me falta coragem e por conta dos bichos, não posso ir antes deles. Mas não aguento mais seguir certos costumes e rituais que não vejo produzir sentido. Parece que vivi uma mentira, uma ilusão constante, invenções de outros, que nunca me foi perguntado e sim impostas. Minha vontade é sim dormir para sempre, ou como muitos dizem morrer.

- Dizer que esse mundo é uma ilusão talvez seja uma maneira de dizer que há milhares de maneiras de ver as coisas. Todas são produtos da mente que analisa. Talvez possamos aprender a produzir o estado de espírito que determina nossa maneira de ver as coisas. Acabamos nos levando pelo acaso, construindo nossas experiências em relação as nossas percepções e sensações em torno das nossas ações.

- O fato é que cansei do que vejo e que nunca me foi perguntado se quero ou não ver essa quantidade de coisas, somos violentados visualmente e mentalmente todos os dias e não temos nem o direito de escolher o que nos será apresentado. Penso na questão dos signos de identificação que você comentou. Alguém escolhe por nós como seremos identificados durante a vida, e ali já nos é dando uma parte da personalidade, afinal é o nome. O que me levou a pensar no primeiro

ritual que nos é imposto no momento em que saímos da barriga, e que depois seguimos fazendo todos os dias, naturalizando e enfim, particularmente não vejo nenhum sentido em parar para passar um pedaço de glicerina enquanto a água cai sobre o tecido que recobre o corpo, alguns levavam horas ali e depois ainda ficam na frente de um vapor quente queimando os pelos que encobrem suas cabeças. Fora as cerdas que passamos em cada um dos órgãos duros que guarnecem as maxilas, até uma espuma começar a sair da boca. Por que fazer isso todos os dias? Higiene é a resposta, mas nem todos querem ou podem praticar, e aí já são julgados por não fazer e muitas vezes inferiorizados por não tomar banho, ou escovar os dentes, sendo excluídos ou até mesmo maltratados. Enfim, esses são exemplos simples, existem muitos outros que nem nos damos conta, mas estamos sempre a reproduzir mecanicamente sem pensar. Tenho pensado muito sobre isso, e me questionado e tenho certeza que se não fossem certos rituais eu seria outra pessoa. O mundo seria outro.

- É precisamos aprender a lidar com essas visões. Segundo a Astrologia estamos vivendo a era de peixes que vai de 498-2658 d.C, a água vem governando essa época, duas correntes principais adquirem um corpo, representando os dois polos do eixos peixes e virgem: uma visando a dissolução da pessoa na sociedade, que passa a ser regida por ideais e necessidades comuns a todos - o comunismo, socialismo (peixes); a outra que através da realização individual, pretende chegar ao aperfeiçoamento do todo - o capitalismo, democracia (virgem). As leis trabalhistas, assim como a assistência social nasceram nessa época. Entre outras características dessa era, a moral puritana, a fúria e as manifestações reprimidas, o sexo apenas com objetivo de reprodução, as grandes navegações, viagens para o desconhecido, piratas, escravidão, intenso sofrimento. Netuno regente de peixes, rege as substancias líquidas e gasosas, os venenos e os tóxicos, marca na Europa, a utilização do café, do chocolate, do fumo, do ópio, dos incensos, perfumes, além de outras drogas. E é Netuno regente da fantasia e da ilusão, que surge a fotografia e o cinema.

E a conversa foi interrompida pelo badalar grave do relógio de madeira antigo que tinha na sala e que permitia saber a hora sem olhar.

- Já são sete, tenho que ir. Posso voltar amanhã?

- Claro.

E quando abriu a porta deu de cara com uma mulher que se preparava para abri-la.

- Ops, olá o Saulo tá em casa?

- Sim, está ali dentro, com licença estou de saída.

Era Tatá, uma amiga.

Uma Tarde

E foi logo entrando, atirando a bolsa em qualquer canto, tirando o casaco e mostrando-se bem familiarizada aquele espaço.

- Quem era? Perguntou enquanto abria a geladeira como se procurasse algo.

- A Ofélia que procurávamos.

E surpresa arregalou os olhos e com as duas mãos sob a mesa inclinou-se em minha direção e gritou

- SERIO? E AGORA?

- Agora vamos colocar o plano em ação.

- Perfeito!

Não contei, mas eu e a Tatá nascemos e crescemos praticamente juntos, ela é alguns anos mais velha, mas já entendi que isso não quer dizer muita coisa. Lembro bem do início de nossa amizade. Partiu dela, eu a observava enquanto ela, arrancava cuidadosamente algumas plantas do canteiro da rua, e sem que eu perguntasse nada ela me olhou e disse: -É para o chá. E começou a amassar a grama no pote com um galho, colocando um pouco de água e em seguida estendendo a mão me ofereceu perguntando: -Quer brincar? E foi assim que começou, na leveza da pureza de uma criança nasceu a cumplicidade. Seu signo de identificação Dandara, porem todos a conhecem por Tatá, signo melhor não teria, Dandara nome de mulher guerreira, companheira de Zumbi dos palmares que lutou pela liberdade do povo negro, e bom Tatá veio de um apelido de criança, coisa de molecagem de rua, sempre que ela se irritava muito arregalava os olhos e parecia que sua cabeça ia explodir como o Boitatá do mito indígena que é simbolizado por uma cobra de fogo ou de luz com dois grandes olhos, e bom quem a conhece sabe que

ela sempre foi muito direta, e geniosa. Eu digo que ela é a labareda da minha vida. A nossa ligação está na terra que se fez pedra, e da pedra que se fez fogo. Já tivemos tantas brigas e momentos de verdades. Ela é a típica ariana torta que vive de amor profundo, impulsiva, uma criança que brinca com a vida, regida pelo planeta da guerra, explosiva, porém um ótimo coração e que entende que não tem porque sofrer pelos minutos que passaram e sim fazer valer os que se aproximam. Mas já entendemos que nossos atritos sempre geram faíscas, e que depois de algum tempo já viram ideias e sonhos compartilhados e que ligam ainda mais nossas vidas.

- E quando vou conhecê-la?

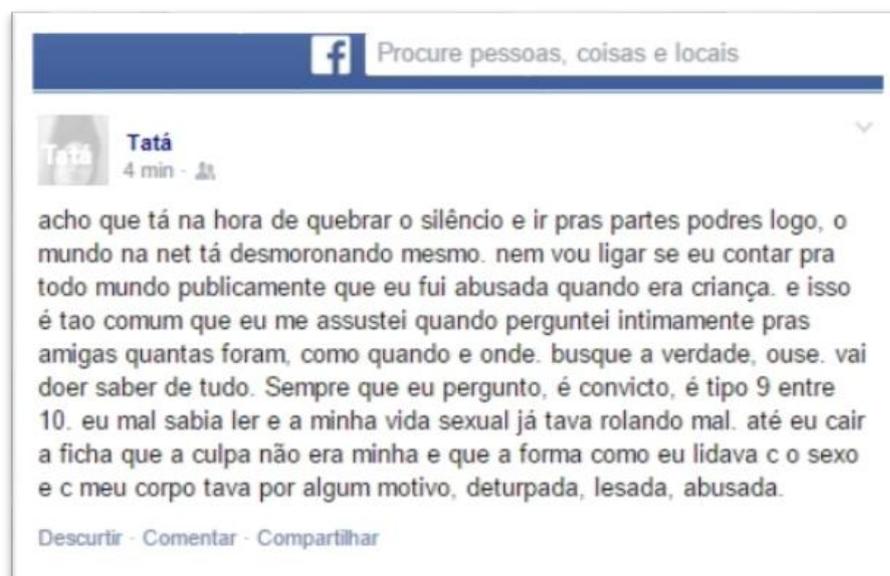
- Calma ainda preciso mostrar que sou de confiança antes de falar a verdade.

- Mas falar a verdade não lhe torna confiável?

- Às vezes a verdade nos torna loucos.

- Você e essa mania de adiar as coisas.

- Não estou adiando, é o processo, ainda não é o momento. Hoje consegui ativar sua curiosidade. Vamos ver qual será o próximo passo. Logo ela estará envolvida e tudo fluirá como na correnteza. Mas me fale sobre a sua ultima postagem polemica do facebook.



- Você viu? E ai? O que achou?.

- Gostei, achei atitude, bem a sua cara.

- Pois é, estou cansada das pessoas hipócritas fingindo que isso não acontece, sendo que acontece a todo momento no mundo

inteiro. E porque então não jogar na roda? Como diz na musica da Céu, caiu na roda ou acorda ou vai rodar.

Tatá sofreu abuso sexual na sua infância por parte de um tio, irmão mais velho de sua mãe. Seus pais se separaram quando ela ainda era um bebê, sua mãe nunca aceitou o divórcio, tendo uma depressão e chegando a tentar suicídio algumas vezes, superou entrando para o universo do trabalho e dos remédios, que diz ser apenas para dormir, tornando essa sua única motivação na vida. Não tendo olhos e nem ouvidos para a situação que permeava a infância de Tatá. E bom, ele dizia para ela não contar para ninguém, mas ela sempre me contava, porém não sabíamos o que fazer pois tínhamos medo, éramos crianças. O que atualmente talvez reflita e diga muito sobre sua forma de ver o mundo e sua relação com seu próprio corpo. Hoje ela faz parte de um coletivo de mulheres das quais já sofreram algum tipo de assédio. Ela é daquelas que, quando mexem com ela na rua chamando de gostosa, ela não xinga, não mais, passou dessa fase, atualmente ela para e explica o que sente, o assédio, e que a única coisa que ela quer é poder andar livremente sem precisar enfrentar essa violência por parte de um machismo degradante. Se eles entendem? - Temos que tentar. É o que ela diz.

- E os comentários?

- Adivinha, até denuncia recebi.

- Pois é ainda preferimos ser cegos. O medo do que possa aparecer torna cômodo o "deixa escondido" e assim ninguém vê que tá ali. Triste mas como diria Kundera "Nesse mundo tudo se encontra previamente perdoado e tudo é, portanto, cinicamente permitido."

- Estou com fome, vamos comer?

Uma pizza

- Pizza?

- Pode ser, vou ligar pro Caio.

Quando Caio apareceu nas nossas vidas achei que seria mais um que passaria, mas não, ele foi ficando e conquistando. Diferente de Tatá que acordou muito cedo para vida, ele sempre muito protegido pelos pais, demorando a perceber o molejo da vida. Uma pureza que faz com que as pessoas aproveitem de sua boa vontade. Não vendo

malícia em quase nada. Caio conheceu Tatá em uma de suas aventuras e nunca mais desgrudou. Sentiu que a conhecia de outras vidas, filho de Netuno e das emoções que a água lhe proporciona acredita que tudo tem um porquê de acontecer que foge da percepção humana. Regido pela Lua e influenciado por suas fazes. Um Heraclítico de carteirinha. Tem seus momentos de recolhimento, sumiços, em que diz estar recarregando as energias. Assim como Tatá, ele adora sentir-se o personagem de uma história, porém Caio adora o drama, daqueles envolventes que lhe sugam todas as energias mais lentamente que um acorde de Erik Satie. Além de lhe atrair qualquer ação que o faça compreender mais sobre a inconsciência desnecessária da humanidade.

- Ele vai nos encontrar lá.

- Vamos andando?

E seguimos caminhando, andávamos em silêncio, sempre respeitamos os momentos de silêncio, não entendemos por que as pessoas sentem um incômodo com ele. Sempre querendo ocupar todo o espaço dele com falas, enquanto o pensamento pode ser muito mais produtivo. Ali pensamentos diferentes nos permeavam, Tatá certamente pensava em sua postagem no face, enquanto eu em Ofélia. No caminho cheguei a uma conclusão. Gosto de caminhar. Preciso caminhar mais.

E um cheiro de pizza assando em forno a lenha entrou pelas nossas narinas assim que dobramos a esquina. A pizzaria, a mais antiga e tradicional do bairro, é a nossa favorita, um clima de cantina italiana. Uma luz baixa, uma decoração de tijolos nas paredes e no balcão, acompanhada de toalhas xadrez verde e branca. Quando chegamos Caio já nos esperava e nos cumprimentamos como de costume.

- E aí, qual a novidade?

E lhe contei sobre Ofélia, mas ele parecia não estar tão presente assim na conversa.

- Bom vamos ver como as coisas vão fluir. Depois do nosso encontro casual ela me ligou e apareceu em casa. Conversamos e sem dúvida é ela quem procurávamos.

- Humm, você também já conheceu ela Tatá?

- Ainda não, esbarrei com ela na porta quando cheguei e ela saía, mas não deu tempo de conversarmos.

E ficamos alguns minutos em silêncio, eu lendo o cardápio, Tatá em seu celular, ela adora toda forma de comunicação, até que Caio verbalizou o que lhe intrigava.

- Pessoal preciso compartilhar com vocês a última. Hoje tive a sensação novamente.

Estamos em um novo processo de aproximação e conhecimento dos nossos sonhos. Tudo começa com um sonho. O sonho é nosso pequeno paraíso, ali podemos tudo. Se fôssemos feiticeiros e tivéssemos poderes mágicos dos deuses, bastaria dizer o sonho em voz alta que ele se realizaria, mas somos fracos seres humanos e temos a necessidade de pensar e exercitar. Pensar e inventar as ferramentas que necessitamos para realizar nosso sonho. A ideia é, a princípio, compartilhar toda experiência que conseguimos lembrar do que sonhamos. Ela surgiu de um estudo que fiz e descobri que muitas comunidades antigas, tinham como ritual de, ao acordar, compartilhar seus sonhos, uma prática que se iniciava na infância e que facilitava a compreensão dos mesmos sobre o mundo, acreditando-se que controlando seus sonhos é possível controlar seus medos.

- E como foi?

- Dessa vez eu acordei fui até a geladeira, e ali parado eu pensei: Não quero ir para escola hoje. E em um click, me dei conta que já faz uns dez anos que não vou à escola, me sentido aliviado e foi quando percebi que não havia acordado, que eu ali sonhava, e foi quando acordei. Será que tive o controle do meu sonho outra vez? Mas dessa vez não acordei com medo.

- Já falamos sobre, quando aplicar as regras do controle dos sonhos, você experimentará alterações muito agradáveis. Continue exercitando, Cada sonho que você tiver é como um filho seu. Dê atenção a todos os seus sonhos e eles o recompensarão com uma notável percepção sobre você mesmo.

Plantando a semente

- Às vezes me impressiona a facilidade que Saulo tem para compreender e controlar o mundo físico, suas formas e leis. Porém sua mania de se colocar com um olhar de fora das situações, as vezes, distorce por de mais as coisas.

- Então, ele me falou um pouco sobre seus projetos e estudos embasados na influência dos astros sobre os homens, no processo do micro para o macro, mas não me falou ainda como a astrologia entrou em sua vida, e qual sua relação comigo. Disse que compreendeu que é o agente estruturador, o símbolo da resistência, da praticidade, do método e da concentração. Enfim, me disse também que a terra simboliza o corpo físico, a afinidade com o mundo das sensações físicas e formas materiais, mas sinceramente isso só me confundiu ainda mais.

- Imagino, e ele comentou com você do plano de ação?

- Comentou sim, mas não sei se compreendi, ele falou da construção de um plano de ação, mas até onde entendi seria uma construção coletiva, envolvendo os quatro elementos naturais: terra, fogo, água e ar, mas aí me confundiu quando ele disse ser o agente estruturador, o que ele quer dizer com isso?

- Sim vamos por partes, ele te contou do mito de Saturno?

- Contou mais ou menos, me disse que é regido pelo planeta Saturno e me relatou um pouco da história, filho de Urano (o Céu) e de Geia (a Terra), e que por ter usurpado o trono de seu pai, sabia que, pela profecia, perderia o trono para um filho e assim devorava os filhos recém nascidos. Porém Júpiter consegue salvar-se e de tão forte destrona Saturno e o exila em Lácio, e assim Saturno inicia uma nova era, civilizando os povos selvagens e ensinando-os a cultivar a terra. É isso né?

- Isso.

- E aí essa época de abundância e prosperidade foi chamada de Idade de Ouro, e nela não havia escravidão e nem propriedade privada, tudo pertencendo a todos. Foi isso que ele me contou, e bom fiquei pensando será o plano é criar uma nova era?

- Pois é, creio que ele te contou exatamente o necessário, é aí que se inicia muita coisa. Se pensar vai ver que o mito de Saturno revela-se em três estágios. Os dois primeiros caracterizam-se pela luta obstinada para defender a sua individualidade, já no ultimo estágio o seu ressurgimento em plena glória, simbolizando a transformação que se processa com a sua queda, ou morte, à semelhança da semente que morre para frutificar. Bom, pelo visto ele não lhe contou que há alguns anos seu pai suicidou-se?

- Não.

- Pois é, essa fatalidade mudou a vida de Saulo, enfim hoje depois de um tempo conseguimos compreender e dizer que duas vidas foram enterradas nessa ocasião. Sou amiga dele de infância, não sei dizer como começo, mas acho que foi coisa de criança, morávamos perto e creio que eu, que nunca tive tremelas na língua, devo ter chamado ele para brincar e nunca mais nos largamos. Enfim já vivemos poucas e boas, muitos momentos verdadeiros. Mas nunca vi nada como o momento da morte de seu pai. Eles tinham uma relação muito forte, e com certeza o fato do suicídio teve um peso muito maior. Saulo sempre teve muito os pés no chão, bem como uma árvore com suas raízes firmes na terra, nunca gostou de mudanças e a coisa mais rara era vê-lo agir impulsivamente, sem planejamento, por menor que fosse a ação, e acho que é bem o que ele explica quando fala do elemento terra como símbolo da resistência, o controle e, enfim, o gosto pelo material e o prazer na realização de um trabalho, não pensando em suas vontades pois o prazer sempre foi em dedicar-se ao trabalho sujeitando-se ao rigor das normas e condições da dura realidade. Sua vida era perfeita a seu ver, um bom emprego, amigos e enfim aparentemente uma família feliz. O suicídio veio para além da perda de seu pai, mas junto para Saulo foi a percepção da cegueira da sua vida. Sua passividade e ingenuidade diante das leis naturais que estamos inseridos como o nascimento, o envelhecimento, a doença e a morte e como muito nos foge do controle humano. E bom, tudo isso o levou em busca de melhor compreender a vida e a morte, encontrando na astrologia algumas respostas que lhe deram novos sentidos, e claro, tudo isso está bem resumido, talvez ele lhe conte algum dia a versão dele, compreende agora?

- Nossa, não imaginava. Quanta coisa em comum, obrigada pelo compartilhamento.

- Não por isso, a minha missão é essa plantar a semente, ser a primeira a penetrar na mente humana, porém não cabe a mim questioná-la, alimentá-la ou cuidar dessa ideia, minha vida é ação, e tenho muitas sementes para plantar.

Fui o último a conhecê-la, já havíamos nos adicionado nas redes sociais, e trocado algumas palavras, Tatá criou um grupo para o plano. Mas quando a conheci senti sua energia e percebi a sensibilidade e leveza que os dois não paravam de falar. A conexão foi tamanha, que ela ficou em casa uma semana seguida, indo para casa apenas para pegar algumas mudas de roupa. Nossas conversas eram de profundas e intensas, até as mais descontraídas e superficiais. Saulo e Tatá passaram por casa algumas vezes. Tamanha intimidade que se criou, que senti à vontade para lhe compartilhar meu momento de morte.

- Olha não se assuste, hoje já estou bem. Digo que o tratamento foi pior que a doença, claro. Esse é o que mais judia, mas dá umas brisas boas até. As bombas aceleram a cabeça, dão suor frio e um medo do caralho. Aí tem a função para pegar o remédio, CPF, RG, título, foto, antecedentes, sério, é mais fácil pegar uma arma e se matar. Me viciiei em todos, e um mês depois começou as alucinações e delírios. Mas já vão fazer dois anos da notícia, estou no processo de observação e creio logo nem precisar mais ir ao médico para esses exames tediosos. Acredite estou bem. Saulo e Tatá acompanharam o processo, eles foram um apoio essencial.

- Você acredita em coincidências?

- Com certeza, do contrário não estaria aqui.

- Tá, então vou te contar uma coisa que ainda não contei para Saulo e nem para Tatá. A única coisa que ainda está viva em mim, a lembrança dela reclamando de dores de cabeça muito forte. Começou umas oito da noite a reclamar, me lembro de achar que fosse algo que ela havia comido ou dos remédios. Porém ela foi se deitar gemendo de dor, seguido me deitei também e fiquei a observando, até que ela começou a gemer mais alto e mais alto e em um curto intervalo de tempo, até que então parou de falar e apenas gemia, a tentativa de acalmá-la colocando-a em uma posição mais confortável. Liguei para o SAMU. Seus gemidos eram contínuos, seguidos e angustiantes, baixos como sussurros. Levada para o hospital, veio apenas a notícia. Ela havia infartado. Infarto fulminante. Ela já tinha prolongado sua vida por uns 5 anos desde que o primeiro câncer foi diagnosticado. E

sei que ela já não era mais a mesma. Mas pelo menos eu a tinha por perto, e agora? Essa lembrança fica martelando em minha cabeça e dói muito cada detalhe dela que não se apaga. Acho que foi a gota que faltava, emprego, casamento, morte. E mais uma vez revejo que não estou doente. Apenas não vejo mais sentido em viver.

- O ser humano é falho. Vivemos tentando entender e achar sentidos e respostas e esquecemos de viver e sonhar. Ter Saulo e Tatá por perto me ajudou a ver a vida de outra forma, quando recebi a notícia senti muito medo, mas eles estavam ali e os horizontes se abriram e me permiti sonhar e caminhar por ele.

- Estou até com vergonha de lhe dizer minhas vontades, sou covarde. Nem coragem para tirar minha vida tenho, ainda mais depois de ouvir sua história.

- Não sinta vergonha, cada um é único, minha dor não é maior que a sua, não sofra por mim. Pense em você em seus sonhos e desejos que devem estar adormecidos.

- Meu sonho é o da morte cantante de Ofélia do Shakespeare.

- Bom aí lhe digo quanto a isso que já temos muitas Ofélias no mundo, talvez seja um reflexo do modo de vida que nossa existência leva, talvez seja algo do instinto humano. Não sei, mas andei lendo sobre e parece que aconteçam em todo o mundo, um milhão de mortes por ano decorrentes de suicídio, o equivalente a uma morte a cada 40 segundos. É mais comum do que podemos imaginar, nesse momento alguém está suicidando-se, porém ainda se é visto como uma situação de risco. Pois a vida é um direito. É como no filme "O Solitário Anônimo" em que ele pede "Me deixem morrer em paz", sendo-lhe negada a possibilidade de morrer. Paradoxalmente, o direito à vida se torna uma obrigação.

- Me sinto sendo puxada pelo centro da terra e aí penso, o único momento que conseguimos ir contra essa força é quando pulamos, talvez por isso as crianças são mais felizes pois vivem pulando, sentindo-se livres por alguns milésimos de segundo, a gente pula contra vontade do chão.

- A verdade é que não existe um meio para verificar qual a melhor ação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Precisa sonhar.

- E muitos agem como se existisse um roteiro que todos sabem como foi escrito podendo dizer o fim que se dará, mas estamos todos na mesma, sem saber muito além.

- Sobreviver torna-se a salvação, viver não existe, viver leva à morte, sobreviver significa manter luta contra o que é mortal, gostar de estar vivo dói. A galinha vive como em um sonho.

- Caio, acho que vou para casa, preciso ficar um pouco sozinha, preciso pensar. Você vai ficar bem?

- Claro, e você?

- Vou tentar.

- Me faz um favor?

- Claro.

- Permita-se sonhar essa noite? Ou amanhã? Quando nos encontrarmos de novo gostaria de ouvir seus sonhos.

- Tá certo! Farei o possível para lembrar deles.

E quando ela saiu me dei conta que queria continuar a conversa, queria ansioso o próximo encontro, queria ela ali por tempo indeterminado. Um sentimento inexplicável de cuidado e vontade de ter por perto. Talvez o amor pode realmente nascer de uma metáfora.

No cemitério

E depois de alguns dias sem aparecer, eu já angustiado, queria ir até sua casa, mas Saulo disse que era para respeitar o tempo dela, que ela ia voltar na hora que sentisse o desejo. Foi quando o telefone tocou:

- Caio, tá em casa?

- Oi, estou sim.

- Queria te chamar para ir a um lugar especial, mas precisa ser agora.

- Claro, onde te encontro?

Combinamos na praça, era por do sol, vi ela se aproximando, leve como uma borboleta, sem ter ideia do sentimento que em mim crescia.

- Para onde vamos?

- Vamos ao cemitério, preciso enterrar alguns sentimentos que ainda vivem em mim e acredito me impedir de seguir.

E seguimos andando, como ela estava bonita, forte e determinada. Queria poder dizer algumas das coisas que vinha sentindo, mas não posso confundir a nossa relação, a questão é que temos um plano e sabemos que ele tem um tempo, e logo cada um seguirá para caminhos diferentes. Penso se não tivesse me comprometido com o plano talvez seria diferente, poderíamos agora estar vivendo uma outra história, mas será que teríamos nos encontrado? Quando aceitei participar do plano, não imaginava que a paixão poderia vim a existir, mas aconteceu.

- Preciso te contar uma coisa, lembra da nossa última conversa?

Claro que eu lembrava, desde então ela sumiu, revivi cada frase diversas vezes para ver se havia dito algo que a magoasse, mas não. Não creio ter sido isso o motivo do sumiço.

- Lembro sim.

- Pois é, estava esperando que acontecesse para poder te encontrar e contar. Lembrei do meu sonho ao acordar hoje, e você, a Tatá e Saulo estavam nele, não me lembro muito, mas lembro que eu e Saulo estávamos juntos, nos abraçávamos e nos beijávamos, trocávamos carinhos. E acordei me sentindo viva. Precisava compartilhar com você, não sei se conto isso para ele. Acho que estou me apaixonando. Tenho pensado se não estou confundindo em função da esperança que ele me deu em um momento que não via mais caminhos a seguir, mas depois desse sonho, acordei sorrindo como há anos não acontecia. O que faço?

Palavras que como um soco no estomago me deixaram sem reação, foi assim que fiquei. Não consegui dizer nada.

- Não sei bem o que fazer. Não quero misturar as coisas, mas é um sentimento bom, que me faz sentir mais viva. E queria de alguma forma que ele soubesse o quanto tem feito sentido e esta sendo bom tudo que vem acontecendo. Mas acho que não devo contar, não agora.

- É preciso sentir, você está vivendo e sentindo seu sonho, não acho que isso seja ruim, ou que Saulo não vá compreender. Fale a ele dos seus sentimentos. Podemos nos surpreender com sua reação.

E quando nos despedimos só pensava em ligar para Tatá, precisava gritar o que me angustiava.

A angústia

- Entra, o que houve?

Quando Caio chegou não precisei nem lhe perguntar, já sabia o que era.

- É Ofélia?

E em um abraço forte e acolhedor, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

- Sim.

- Ela está bem?

- Está como uma pessoa apaixonada, linda, cheia de esperança.

- Vou lhe trazer uma água.

Imaginava que isso fosse acontecer, o plano envolve vidas e isso envolve sentimentos que nos movem, como a paixão, o ciúmes, o medo. Somos seres feitos deles, e não é possível separar apenas para evitar algumas coisas como a dor e o sofrimento. E esse é o jogo da vida, como lidar com eles? Com Caio já estou acostumada, ele é assim intenso em paixões repentinas, sofre, mas não sei como explicar, para ele é bom, ele precisa desse sofrimento, é o que o faz sentir-se vivo.

- Quer me contar mais sobre?

- Sabíamos que isso aconteceria, né? E tenho certeza que Saulo também já imaginava. Mas dói tanto.

- Com certeza essa relação com Saulo mexeu muito com ela.

- Foi difícil ouvir a forma com que ela falava dele, e não sentir ciúmes, creio que o melhor seja me afastar mesmo. Os dois conversando, parecem tão íntimos e complementares. Sinceramente me pergunto se faz sentido eu estar aqui.

- Pois é, mas a ti foi dada a mais difícil de todas as tarefas, a de reunir todas as tristezas do homem. As tuas lágrimas, a tristeza e o padecimento serão absorvidos para uma melhor compreensão da distorção imposta pelo homem. És responsável em levar a compaixão, para que se possa tentar de novo.

- Acho que farei uma viagem. Preciso me afastar por um tempo.

E mais uma vez acordou assustada sem saber onde estava ou como havia chegado ali, estilo Rebordosa de Angeli, e pensou

- Talvez eu tenha morrido mais uma vez...

O gosto de guarda-chuva na boca, a cabeça... ah, essa já teve vezes piores. Lembrava-se apenas de alguns flashes da noite passada, lembrou que em algum momento havia encontrado com Saulo, alcançou o celular e ligou para ele. Em alguns minutos o mesmo chegou em sua casa, passando-lhe um café forte.

- Nos encontramos sim, ontem de noite, você estava com Ofélia, mas ela queria ir para casa e você queria encontrar com alguém que não entendi, e apenas me disse para ir com ela, e saiu sem muitas explicações. Eu não queria te deixar sozinha no estado que estava, mas você sumiu.

- Droga, me desculpa.

- Por que me pede desculpas?

- Pela situação com Ofélia, já percebi que tem evitado ficar sozinho com ela.

- Deixa de bobagem, o encontro aconteceu e creio que tinha que acontecer, sabe que não vejo sentido para desculpas, que para mim ela é uma mera justificativa para a culpa que acreditamos ter, algo imposto e que enfim, eu particularmente não acredito.

- Mas e aí, como foi então?

- No fim foi bom, conseguimos conversar e estou até me sentindo melhor, desde o dia em que ela me contou seus sonhos não tínhamos conversado sobre. Acho que tentei fugir com medo de me envolver. Talvez eu tente controlar mesmo tudo e não consigo ser impulsivo e viver essa paixão tão intensamente. Ela dormiu lá em casa e no meio da noite ela me chamou com medo, disse ter tido um sonho diferente, de memórias recentes, eu estava meio dormindo e demorei para assimilar o que ela dizia, mas creio que ela está iniciando o controle do sonho. Disse perceber que era um sonho, que ela sabia que estava dormindo e que tentava voltar e não conseguia, não conseguia se mexer, compreende? Vejo que a paixão está sendo fundamental para que as coisas comecem a produzir o sentido que tanto falamos. Não posso me perder.

- E como andam os seus sonhos?

- Tenho sonhado em voltar às origens. Falando nisso, Caio deu sinal de quando volta? Acho que temos que conversar sobre o rumo do plano.

- Não ligou, mas acho que ainda essa semana. Você acha que podemos mudar radicalmente o fim?

- É em partes, creio que o principal seja não ficar apenas entre nós.

O recomeço

E quando cheguei da viagem, fui logo ligando para ela, queria encontrá-la, mas ela não atendeu o telefone. Comecei a lembrar de nossa última conversa e que ela disse que estava pensando em dar um tempo com tudo. Que ia mudar seu signo de identificação. Pensei comigo, como faria para vê-la novamente se ela tiver partido e trocado de identidade? Acho que sempre penso no pior, fui até a casa de Tatá, e para minha surpresa lá estavam todos era hora de encaminhar as coisas.

- Que bom que estão aqui, estava com saudade.

- Mas foi apenas algumas semanas, quero ver se vai aguentar o tempo proposto no plano.

- Ok, temos que conversar sobre isso Saulo.

- Vixe, já vi que vai dizer que não vai conseguir

- Olhe bem, sei que a ideia era a troca e depois seguir e contaminar o máximo de seres possível, mas será que precisamos nos separar para tal feito? Ou precisa mesmo ser agora?

Ofélia me olhou surpresa, porque para ela sair nesse momento parece ser o certo a fazer, ela está apaixonada por Saulo e já decidiu que se lançará em novas paixões, já que esta não é correspondida como gostaria.

- Eu preciso ir, não sei vocês, mas estou disposta a novos encontros e histórias. Quero viver outros desejos, preciso encontrar pessoas que ousam sonhar e sucumbir aos anseios do coração. Quero pessoas que arriscam parecer tolo por amor, pelos seus sonhos, pela aventura de estar vivo.

Ao ouvir suas palavras, senti que ela estava falando diretamente para Saulo, e o seu medo de se envolver, e não me contive em dizer

- Tenho uma sugestão, vamos nos dividir em duplas a princípio, creio que assim não nos sentiremos tão sozinhos, acho que seria uma boa solução.

Tatá rapidamente percebeu que minha intenção era me jogar com Ofélia mundo a fora, e logo concordou.

- Pois é estou envolvida com o movimento das mulheres em função da intervenção e do documentário que estamos fazendo, e não gostaria de me mudar por agora, as coisas estão fluindo por aqui.

- E você Saulo o que acha?

- Creio que todos nós já conseguimos ter consciência de nossos sonhos, e estamos cada vez mais conseguindo nos apropriar deles, e principalmente já entendemos que somos os únicos representantes deles na terra. Sabemos também que não tem como apenas passar adiante sem vivenciar junto os momentos e, enfim, podemos pensar em algo do tipo sim, principalmente para a rotina de saudade que certamente virá. Então Tatá deseja ficar, Ofélia partir, e você Caio?

- CAIO, CAIO, CAIO, CAIO, CAIO...

E aos poucos o chamado ia se apagando, o meu próprio nome se perdendo, em meio à bruma da manhã e eu me deixava cair consciente naquele novo dia de inverno em Porto Alegre.

Epílogo

Uma proposição em aberto de cuidado que desmaterializa os próprios encontros para a construção do conto. Relacionar, criar e recriar as proposições em aberto, originadas dos encontros que, dialeticamente produziu o caminho para o conto. Foi o processo de contrapor ideias e delas tirar novas ideias, criando sentido para o que está sendo dito.

O Conto continua caminhando e os personagens seguem sonhando. Saulo, Tatá, Caio e Ofélia foram o meio que encontrei para compartilhar as diferentes mortes que presenciei e enfrentei durante a Residência, algumas subjetivas, outras nem tanto. Percebi como o risco a vida é um dos principais motivos para alguém chegar ao serviço de saúde mental. Porém depois de adentrá-lo, muitas vezes a vida não existe, não tendo espaço para o protagonismo necessário, para o criar, para sonhar junto. Tentei trazer durante minha participação nos campos e nos casos que acompanhei, uma participação focada na construção conjunta de um cuidado como proposição artística. A arte em si, como proposição de um cuidado, rompendo com a arte criadora de objetos, e partindo para uma arte do propositor de práticas em aberto. Isso envolve também pensar o contato não contemplativo, mas sim do espectador transformado em participador. Respondendo assim à pergunta de qual seria o papel da arte na saúde? É comum chegar em serviços de saúde e ver a arte como terapêutica em oficinas que mecanizam a produção, sem o criar e construir. No conto o "Ovo e a Galinha" Clarisse Lispector fala do ovo que não tem um si-mesmo e que não existe individualmente, que não se pode entendê-lo:

Sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando. Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo. - Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto. - Será que sei do ovo? É quase certo que sei. Assim: existo, logo sei. - O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito. (LISPECTOR, 1977, p. 49)

Algo que parece intocável, mas que existe. Dos usuários, sabem-se seus diagnósticos, histórias pregressas e prognósticos. Dos trabalhadores, sabem-se suas formações e funções determinadas. Mas tal qual o ovo de Lispector, o que não sei do outro é o que me apresenta propriamente ele. É com isso que não sei dele que posso criar um cuidado em aberto, que posso sonhar junto.

Em épocas de profunda privatização, em que uma força retrógrada empurra para a um suposto reconhecimento do outro como perigoso, sonhar junto passa a ser revolucionário. A atitude, neste sentido, contrarrevolucionária seria obrigar o ovo a se tornar retangular. É o ato de não se encontrar com o que não se sabe e o enquadrar numa forma que conheço melhor. É a repetida e mera tentativa de buscar a forma mais adequada, dentro do que chamamos de civilização. No caso do discurso hegemônico biomédico em saúde mental, é tratar a pessoa somente pelo que já se sabe, seu diagnóstico, e não pelo que não se sabe, pelo o que ela pose ser, criar, sonhar. Um resultado de um progressivo silenciamento do corpo; dos seus ruídos, impulsos, movimentos, arrotos, peidos etc. E assim, produzindo um corpo que não aguenta mais. A docilização que lhe foi imposta pelas disciplinas nas fábricas, nas escolas, nos exércitos, nas prisões, nos hospitais. Em consonância com Foucault (2003), uma mutilação biopolítica. E nessa mutilação observo intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática do corpo, o seu entorpecimento nesse hedonismo. A arte vem para que sejamos mais como os

ovos, que estalam na frigideira, sem nenhum senso da realidade, clara e gema, alegria entre brigas, viver é extremamente tolerável, viver ocupa e distrai, viver faz rir e chorar. Contra o saber sobre o outro, a arte propõe o sabor daquilo que o outro pode ser. E assim como a arte faz sorrir e chorar no seu mistério, no mistério de ser apenas um meio, e não um fim, tendo assim, a mais maliciosa das liberdades.

Após caminhar por esses encontros e durante a desconstrução dos mesmos para a criação do conto, ficou perceptível a importância do propositador participador no cuidado em saúde mental. E principalmente compreender que cada escuta, cada olhar, cada troca, gera novas ideias, dando tanto ao propositador quanto ao participador a criatividade necessária para se recriar o viver. O viver que é inventado a cada momento, que necessita da poesia, que necessita da arte, que necessita de estar discutindo, de estar pensando no transcendente ao aos retângulos impostos no caminho da vida.

A meu ver a quebra do retângulo do quadrado ou de qualquer forma regular (triângulo, círculo etc.) é a vontade de dar uma dimensão ilimitada à obra, dimensão infinita. Essa quebra, longe de ser algo superficial, quebra da forma geométrica em si, é uma transformação estrutural; a obra passa a se fazer no espaço, mantendo a coerência interna de seus elementos, orgânicos em sua relação, sinais para si. O espaço já existe latente e a obra nasce temporalmente.[...] A obra não quer ligar o homem ao cotidiano que ele repugnou, conciliar o temporal com o eterno, e sim transformar esse cotidiano em eterno, achando a eternidade na temporalidade. (OITICICA, 1960, p.21).

A partir de desejos e sonhos, a criação do Conto somente foi possível devido a todo o envolvimento e troca entre artistas e participantes com a proposição ao longo da Residência. Indo além de um cuidado imposto, mas buscando um cuidado vivido e sentido em cada momento, para uma criação coletiva e conjunta. Um cuidado orgânico em sua relação,

que tenta enxergar o sujeito que busca o serviço de saúde por completo, como um todo, principalmente naquilo que dele não sabemos. Como obra, como proposição, valida esse espaço, que Oiticica chama de eterno, e que como cuidado é espaço de possibilidades várias de criação de vida. Mais que validar, é um cuidado que disputa no terreno da saúde mental um espaço como abertura de possibilidades. É transformar o cotidiano em abertura dessas possibilidades. É preciso sentir para fazer sentido e ser sentido. E no processo de um protagonismo do sonho, o plano continuar.

REFERENCIAS

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BELLOC, M. M. **Homem-sem-história. A narrativa como criação de cidadania**. Tese de Doutorado. Universitat Rovira i Virgili. Tarragona, 2011.

BRETT, Guy. **Brasil experimental - arte/vida: proposições e paradoxos**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador. asno.files.wordpress.com/2009/06/ duchamp.pdf<Acessado em 27/01/2016>

FAGUNDES, Sandra. **O estigma da loucura ainda não foi superado**. Revista on-line do Instituto Humanista da Unissinos/ISSN 1981-8793 (online), 391-Ano XII, 07.05.2012<acessado em: 21/01/16>

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GARFIELD, Patricia L. **Sonhos Criativos**. - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

HARRISONX, Maggy. **O livro de bolso da astrologia: um guia pratico para o seu autoconhecimento**/Maggy Harrisonx /e/ Mellina Li. Porto Alegre: L&PM, 2003.

KUNDERA, Milan. **A Insustentável leveza do ser** - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LISPECTOR, Clarice. **O Ovo e a Galinha**. In: A Legião Estrangeira. São Paulo, Ática, 1977, pp. 49-57.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. 200 p.

MARTÍNEZ-HERNÁEZ, A. **Antropología Médica: Teorías sobre la cultura, el poder y la enfermedad**. Barcelona, Anthropos, 2008.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto** / Hélio Oiticica. - Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

OITICICA, Hélio - **Parangolé e outras invenções**- 20 de outubro de 2015 <<http://www.esquerdadiario.com.br/Helio-Oiticica-Parangole-e-outras-invencoes>> acessado em: 02/01/2016

PELBART, Peter Pál - **Biopolítica**
<<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/viewFile/57320/60302>> acessado em: 09/12/15

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. 19a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

RIVERA, Tania. **Ensaio sobre o espaço e o sujeito**. Lygia Clark e a psicanálise On-line version_A atualidade da psicanálise ISSN 1809-4414/ *Ágora* (Rio J.) vol.11 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2007

TORRES, Fernanda. **Fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013